

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MÁTHERESIS



In Memoriam
Prof. Doutor Manuel de Oliveira Pulquério

V I S E U · 2 0 1 1

MALLARMÉ, MAETERLINCK E O “PRINCÍPIO INVISÍVEL” DO DRAMA

MARIA DE JESUS REIS CABRAL

Em Memória do Professor Pulquério, leitor de Mallarmé

O deus que se exprime pelo oráculo de Delfos nada diz e nada esconde: significa.

— Heráclito

Palavras-chave: Teatro simbolista, Mallarmé, Maeterlinck, trágico interior, representação.

Keywords: Symbolist theater, Mallarmé, Maeterlinck “tragic interior”, representation.

Peindre non la chose mais l'effet qu'elle produit”: foi com estas palavras que, em Outubro de 1864, investido da vontade de libertar a sua tragédia *Hérodiade* dos esquemas formais do teatro da época, de inadiável vocação realista, o jovem Stéphane Mallarmé (1842-1898) definia uma “*poétique très nouvelle*”, colocando o desígnio da literatura na senda de um hibridismo genológico e (inter)artístico que irá estremizar a música visual do *Coup de dés* (1897) no ómega da sua carreira poética. No alfa da modernidade. Projectando toda a acção para o domínio interior do mistério de uma “tragédia íntima” – que preconiza o poema crítico “Hamlet” (1886) – *Hérodiade*, projectada num “être purement rêvé et absolument indépendant de l’histoire” transmutar-se-á em poema, configurando-se numa poética do mistério, pedra angular da obra de Mallarmé.

Precedendo de algumas décadas o movimento conhecido por Simbolismo e a estética da *sugestão* como matriz e destino da representação, o jovem poeta de vinte e três anos afirmava-se em dissonância com a plasticidade estética parnasiana, concertada na

pureza formal, e a que ele aderira¹. “On ne modèle pas, on module”, abreviará Cézanne (Sollers 96).

O seu objectivo era transcender o realismo convencional para fomentar um processo criativo – tanto na perspectiva da produção como na recepção – potenciador de uma abertura de significados, como se, assim, configurasse a natureza múltipla e enigmática da realidade representada. Foi o que fez ao despojar a sua Hérodiade de toda a compreensão histórico-mitológica, que criasse uma colagem com a personagem bíblica – razão pela qual preteriu o nome de Salomé². Na verdade, para uma heroína inspirada e modelada na beleza de um “mot sombre, et rouge comme une grenade ouverte” (Mallarmé, *Correspondance* 226), Mallarmé forjou uma poética do mistério delineada dois anos antes em *Hérésies Artistiques* (1862)³, que abria com uma afirmação inequívoca: “Toute chose sacrée et qui veut demeurer sacrée s’enveloppe de mystère” (Mallarmé, *Œuvres*, II 360). Confundida desde o limiar da primeira cena com ‘l’ombre d’une princesse’, Hérodiade arreda do seu contacto quaisquer elementos do mundo exterior – jóias, rosas, a própria Ama – para se exilar no mundo da alma, desfolhar ‘les pâles lys qui sont en /moi/’ e se compenetrar em recalcados “souvenirs qui sont / comme des feuilles /.../ au trou profond”. E se, como o observou Eric Benoit, “un courant

¹ Como a maior parte dos poetas da geração de 1860, com destaque para Verlaine, Mallarmé começou a sua carreira poética com uma publicação de onze poemas no primeiro fascículo do *Parnasse Contemporain* (1866), mas a sua estética não se acomodou na rigidez parnasiana. A sua “Improvisation d’un Faune” que se desenvolve numa libertação do alexandrino – antecipando o versilibrismo simbolista – será recusado pela comissão do *Parnasse* de 1875.

² Vale a pena lembrar a carta de Fevereiro de 1864 a Eugène Lefébure, em resposta à cedência que lhe propusera de várias obras de referência – uma tragédia latina de *Herodiade*, contemporânea de Shakespeare e a *Bíblia da Humanidade* de Michelet – “Merci du détail que vous me donnez au sujet d’*Hérodiane* mais je ne m’en sers pas /.../. La plus belle page de mon œuvre sera celle qui ne contiendra que ce nom divin Hérodiane. Le peu d’inspiration que j’ai eu, je le dois à ce nom, et je crois que si mon héroïne s’était appelée Salomé, j’eusse inventé ce mot sombre, et rouge comme une grenade ouverte, Hérodiane” (Mallarmé, *Correspondance, Lettres* 226).

³ Publicado em 1862, este artigo afirma desde o início a superioridade da arte, preconizando: “Les religions se retranchent à l’abri d’arcanes dévoilés au seul prédestiné: l’art a les siens” (*idem*), uma ideia articulável com a ‘religião da literatura’ (Marchal, 1988) que congregará à volta de Mallarmé os escritores da nova Escola idealista de 1885.